

Rivalidade fraterna durante a gestação materna do segundo filho: manifestações e estratégias de manejo

Sibling rivalry during second-child pregnancy: Manifestations and management strategies

Caroline Rubin Rossato **PEREIRA**¹
Doralúcia Gil da **SILVA**²
Cesar Augusto **PICCININI**²
Rita de Cássia Sobreira **LOPES**²

Resumo

A rivalidade fraterna pode ser considerada uma experiência normal para as crianças. O presente estudo investigou as impressões maternas sobre a rivalidade fraterna expressa pelos primogênitos durante a gestação do segundo filho. Participaram do estudo 24 gestantes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, que se encontravam no último trimestre de gestação e que possuíam um filho com idade entre dois a seis anos. Através de análise de conteúdo qualitativa, com base em uma entrevista semi-estruturada, chamou atenção a vasta presença de relatos de rivalidade fraterna. Esta manifestou-se através de ataques dirigidos ao irmão ou à barriga da mãe, do medo de perder o amor/atenção dos progenitores, e do medo de ter o seu espaço pessoal invadido. Como estratégias para lidar com a rivalidade, ao mesmo tempo em que se identificavam com os bebês, os primogênitos buscavam diferenciar-se destes, menosprezando suas capacidades. No que tange às mães, buscavam ensinar o primogênito a dividir, além de preservá-lo de sentimentos de ciúmes.

Palavras-chave: Ciúme; Irmãos; Relações familiares.

Abstract

Sibling rivalry can be considered a normal experience among children. The present study investigated maternal impressions about sibling rivalry expressed by firstborns during their second pregnancy. The study included 24 pregnant

▼ ▼ ▼ ▼ ▼

¹ Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. R. Marechal Floriano Peixoto, 1750, 3º andar, sala 312, Centro, 97015-372, Santa Maria, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: C.R.R. PEREIRA. E-mail: <carolinerrp@ufsm.br>.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Desenvolvimento e Personalidade, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Porto Alegre, RS, Brasil.

women from Porto Alegre, Rio Grande do Sul, who were in their last trimester of pregnancy and already had a child aged from two to six years. The qualitative content analysis, based on a semi-structured interview, revealed a vast number of reports regarding sibling rivalry, which was manifested through aggression directed at the unborn baby/mother's belly, fear of losing parents love/attention, and fear of invasion of personal space. At the same time that they identified themselves with the unborn babies, in order to deal with this rivalry, firstborns tried to belittle their unborn siblings. The expectant mothers made an effort to teach their first-born child to share and to prevent jealous feelings.

Keywords: Jealousy; Siblings; Family relations.

O nascimento do segundo filho é uma fase específica do ciclo vital familiar que acarreta mudanças, especialmente para o primogênito (Oliveira & Lopes, 2010). A experiência do nascimento de um irmão constitui-se uma realidade bastante comum para muitas crianças, podendo estar entre as mais estressantes do início da infância (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Legg, Sherick, & Wadland, 1974; Teti, Sakin, Kucera, Corns, & Eiden, 1996). Assim, com a gestação do segundo filho, surge na família um novo desafio ao primogênito, o de dividir e compartilhar com o irmão o espaço físico da casa, suas posses, brinquedos e, mais do que isso, a atenção, a admiração e o afeto dos progenitores. Nesse contexto, a rivalidade pode ser uma experiência normal e talvez diária para essas crianças.

Embora seja um engano pensar o relacionamento fraterno como primariamente competitivo, a temática da rivalidade fraterna ocupa um lugar de destaque nas preocupações dos progenitores e profissionais envolvidos com a educação de crianças (Calladine, 1983; McHale, Kim, & Whiteman, 2006). Essa parece ser uma dimensão mal aceita do relacionamento entre irmãos, possivelmente associada a uma idealização das relações familiares que excluem de cena o conflito e a tensão.

Nos estudos empíricos, a rivalidade fraterna tem sido um conceito difícil de definir. Segundo Boer (1990), o objetivo primário da rivalidade é vencer, superar o rival, visando recompensas favoráveis tais como o amor parental, aprovação e reconhecimento. Qualquer competição entre irmãos pode refletir rivalidade, mas quando esta envolve o amor e a atenção dos pais para com o irmão rival, fala-se em ciúme. O ciúme é, então, a rivalidade entre os irmãos face aos progenitores (Volling, Kennedy, & Jackey, 2010). Ele se caracteriza como um complexo de emoções, comportamentos e pensamentos que

surtem no contexto de um triângulo social formado pelo indivíduo enciumado, o sujeito amado (os progenitores) e o rival (o irmão) (White & Mulen, 1989). Frente à complexidade de conceitos envolvidos no relacionamento fraterno, propõe-se uma compreensão abrangente do conceito de rivalidade fraterna que inclua tanto as manifestações de ciúme quanto a dimensão de competição fraterna (Pereira & Lopes, 2013).

A partir da teoria do apego, o ciúme justifica-se uma vez que a relação entre os progenitores e o filho ameaçado pelo irmão rival constitui-se na fonte primária de apego na vida inicial de uma criança. Essa teoria prediz que a introdução de um irmão e a consequente redução no acesso à mãe pode romper padrões de apego e criar tensão (Bowlby, 1969/2002). O rompimento do laço de apego ao cuidador primário durante uma evocação de ciúme pode, então, conduzir a comportamentos similares àqueles utilizados pelos bebês a fim de manter seu apego aos cuidadores (e.g., agarrar-se, aproximação da mãe, choro, protesto) (Volling et al., 2010). Nesse mesmo sentido, Hill e Davis (2000) sustentaram que a resposta de ciúme em uma criança que ainda não possui a linguagem verbal bem desenvolvida poderia ser um mecanismo adaptativo, resultando em comportamentos que garantem maior proteção e atenção dos cuidadores.

Esse aspecto do relacionamento fraterno merece atenção ainda mais especial no período de formação da relação, ou seja, durante a transição para a chegada do segundo filho na família, uma vez que se configura como um período fundamental de adaptação potencialmente marcante para a qualidade da relação. Apesar de não referir-se ao período de maior tensão familiar e maiores dificuldades para o primogênito, o período gestacional parece servir como um organizador da qualidade

afetiva da relação fraterna nos anos iniciais. Nesse sentido, Dunn e Kendrick (1986) relataram que, nas famílias em que o primogênito era frequentemente descrito como preocupado e introvertido antes do nascimento do segundo filho, houve uma tendência a manter esse padrão, e as interações com o irmão aos 14 meses foram menos afetuosas e amistosas do que aquelas experienciadas por crianças que expressavam mais espontaneamente suas frustrações através de “crises de raiva” passageiras.

Endossando essas ideias, os achados do estudo de Stewart, Mobley, Van-Tuyl e Salvador (1987) revelaram que o impacto do nascimento do irmão já seria sentido mesmo antes de sua chegada, de forma que os relatos maternos referentes ao ajustamento do primogênito foram bastante similares entre o último mês pré-parto e o primeiro mês pós-parto. Em um estudo mais recente, de meados da década de 1990, Gottlieb e Baillies (1995), estudando uma amostra canadense de 80 primogênitos com idade entre 1,5 e 5 anos cujas mães estavam grávidas do segundo filho, relataram que o nível de aflição sentida por essas crianças antes do nascimento do irmão foi o melhor preditor da aflição expressa pelo primogênito nos meses seguintes ao nascimento do segundo filho.

No estudo brasileiro de Dessen e Mettel (1984), as alterações no comportamento do primogênito puderam ser percebidas pela mãe desde a época em que ele foi informado sobre o nascimento do irmão. A esse respeito, Gottlieb e Baillies (1995) referiram que a fase intermediária da gestação seria, de modo geral, o momento em que a mesma é revelada à criança, bem como quando mãe e filho começariam a concretizar a realidade do bebê. Nessa etapa da gestação, os pesquisadores constataram que todas as crianças estavam mais dependentes do que na fase seguinte, com destaque para os meninos, que passaram a resistir mais à separação e a demonstrar mais agressividade. Seria o início do complexo processo de tornar-se irmão, que pode minar temporariamente a segurança e a confiança do primogênito, que passa a requerer mais atenção e apoio dos pais.

No estudo brasileiro de Pereira e Piccinini (2011), que investigou oito gestantes que já

possuíam um filho em idade pré-escolar, os autores apontaram que o avançar da gestação e a proximidade do parto desencadearam ansiedade e ciúme nos primogênitos, concomitante a manifestações de alegria pela chegada do irmão. Todas as crianças apresentaram atitudes indicativas de ciúme, incluindo medo de perder a atenção e o carinho da mãe, assim como sinais de agressividade dirigidos à barriga da gestante.

Apesar de a literatura apontar alterações de comportamento dos primogênitos durante a gestação do irmão (Field & Reite, 1984; Stewart et al., 1987), são raros os estudos sobre a temática específica da rivalidade fraterna nesse mesmo período. A mesma tem sido abordada e considerada prioritariamente no período posterior ao nascimento do bebê (Dessen, 1997; Dunn & Kendrick, 1986; Kreppner, Paulsen, & Schutze, 1982; Stewart et al., 1987). Tal escassez de estudos na área aponta para a persistência da ideia equivocada de que as mudanças na família oriundas da chegada do segundo filho só seriam perceptíveis após o seu nascimento, quando o primogênito e os progenitores poderiam concretizar a alteração da configuração familiar (Kramer, 1996; Gottlieb & Baillies, 1995).

Assim, o presente estudo teve por objetivo investigar as impressões maternas sobre a rivalidade fraterna expressa pelos filhos primogênitos durante a gestação do segundo filho. De modo especial, buscou-se identificar como a rivalidade fraterna se manifestou neste período e as maneiras encontradas pelos progenitores e pelas crianças para lidar com ela.

Método

Participantes

Participaram do estudo 24 gestantes que já possuíam um filho com idade entre dois e seis anos. Todas as participantes faziam parte do “Estudo Longitudinal Sobre o Impacto do nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito (ELSEFI)” (Piccinini, Lopes, Rossato, & Oliveira, 2005), que teve

por objetivo investigar os aspectos subjetivos e comportamentais da relação pai-mãe-primogênito, bem como o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primeiro filho. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Protocolo nº 2004373).

As participantes do estudo residiam na região metropolitana de Porto Alegre (RS), possuíam escolaridade variada, idade entre 29 e 43 anos e residiam com seus maridos, também pais do segundo filho. No que tange à escolaridade, a maioria das mães (20 de 24) possuía ao menos ensino superior incompleto (6 superior incompleto, 10 superior completo, 4 pós-graduação); as demais possuíam ensino médio incompleto (uma) ou completo (três). No que tange aos arranjos do sexo entre os irmãos, em 11 casos a díade fraterna era mista (9 com primogênitais do sexo feminino e dois com primogênitais do sexo masculino) e em 13 casos era constituída de irmãos do mesmo sexo (6 díades femininas e sete masculinas).

Procedimentos e instrumentos

As participantes do estudo foram contatadas através de instituições de saúde (hospitais ou unidades sanitárias) e de ensino (creches, escolas de educação infantil ou de ensino fundamental), bem como através de indicações. Após o consentimento das instituições de contato as mães que concordaram em participar do estudo foram solicitadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também foi preenchida uma ficha de contato inicial e respondida a entrevista de dados demográficos do casal. Posteriormente, foi agendado um encontro para a realização de nova entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar (terceiro trimestre de gestação) no laboratório do grupo de pesquisa na UFRGS, na residência das famílias ou no local de trabalho das mães.

O instrumento abordou particularmente a reação e os sentimentos dos primogênitais com rela-

ção à gravidez da mãe, incluindo reação à notícia, curiosidades, preocupações e interesses quanto à gravidez e aos bebês, interação com o bebê na barriga, relacionamento com os pais, familiares, amigos e outras crianças, preparação do primogênito para a hospitalização da mãe e a chegada do irmão. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

A partir da análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999) procurou-se agrupar os temas mais recorrentes e qualitativamente relevantes, resultando em três categorias emergentes dos dados: manifestações de rivalidade, estratégias do primogênito para lidar com a rivalidade e práticas maternas para com o primogênito. Dois dos autores do presente artigo classificaram separadamente os relatos dos progenitores em cada uma das categorias, recorrendo-se a um terceiro colega em caso de discordância.

Resultados

A seguir, é apresentada a descrição das categorias ilustradas pelos relatos dos participantes. O número entre parênteses identifica a participante que forneceu o relato (M = Mãe).

Manifestações de rivalidade

A rivalidade do primogênito para com o irmão que estava para nascer manifestou-se de três modos principais: ataques dirigidos ao irmão ou à barriga da mãe, medo de perder o amor/atenção dos progenitores e medo de ter seu espaço pessoal invadido pelo irmão (brinquedos/posses). Algumas mães (6 de 24 casos - 25%) relataram que as crianças demonstraram rivalidade através de ataques dirigidos diretamente ao bebê que estava para nascer, na forma de ameaça:

Uma vez ele falou que ele queria pega e a gente não deu uma coisa que ele queria, daí ele falou, 'Ah, quando o B. [segundo filho] chegar eu vou pegar o carrinho e vou jogar lá na escada' (M7).

A.P. [primogênita] dizia, 'Mãe tu vai pegar o maninho, maninha?', 'Vou filha', 'É eu

também vou pegar. Vou, vou derrubar no chão' (M18).

Já chegou a dizer um dia, 'Aí, porque eu vou matar esse nenê' (M20).

Ou ainda dirigidos à barriga da mãe:

Aconteceu duas vezes, ela vinha e dava um soco na minha barriga. Soco fraquinho, né. Ela quis fazer que tinha batido sem querer (M11).

De vez em quando ele diz que quer brincar, mas daí ele vem e dá uns 'toc toc' na barriga. Às vezes, ele vem e grita. Então, não parece exatamente muito carinhoso (M16).

Teve um dia que ele deu um tapa na minha barriga. A gente tava na sala e tal e ele 'pá'... e saiu. Aí eu fiquei quieta, 'Bom, não vou atrás'. Aí ele voltou, sentou do meu lado e começou a chorar (M20).

A maioria das mães (15 de 24 - 63%) relatou que as crianças demonstraram ciúme e rivalidade também através do medo de perder o amor e/ou a atenção dos progenitores para o irmão que estava por vir:

Ela nos surpreende que ela sai com umas assim, 'Aí, mamãe, depois que o maninho nascer tu vai ter que dar mais atenção pra ele, né, mas isso não quer dizer que tu não vai me amar mais, né?' (M1).

Eu disse: 'Vamos dormir, já tá na hora'. ... 'Ah, já sei, tu tá me mandando dormir, pra ficar sozinha com ele' [segundo filho] (M10).

Aí um dia ele chegou pra mim e disse: 'Mãe, quem é que vai ser a mãe desse nenê?'. Aí eu, 'Eu', 'Ahn, e eu?' (M20).

Também foi relatada (10 de 24 casos - 42%) a presença de sentimentos de rivalidade em função do medo do primogênito de perder seu espaço pessoal ou de ter de dividir suas posses e brinquedos com o novo irmão:

'E tu vai emprestar os teus brinquedos?'. E ela fica meio assim: 'Não, mas o nenê não vai saber brincar com meus brinquedos. Ele tem que ter os dele' (M4).

Ele ficou meio chateado quando eu comecei a arrumar o quartinho do nenê, a parte do nenê. ... Aí ele: 'Não, mas isso aqui é meu' (M7).

Eu tive que tirar os brinquedos da cômoda dela pra passar pro B. [segundo filho]. Então: 'Ah, eu não quero dar a minha cômoda pro B.' (M15).

Estratégias do primogênito para lidar com a rivalidade

Entre os primogênitos, percebeu-se duas estratégias principais para lidar com a rivalidade desencadeada pela iminente chegada do irmão: por um lado, as crianças procuraram reafirmar seu lugar de bebê na família através da identificação com o irmão que estava para nascer, e, por outro, buscaram diferenciar-se do mesmo, menosprezando suas capacidades a fim de valorizarem-se como mais velhos e mais capazes. Uma estratégia de identificação utilizada pelos primogênitos era buscar redirecionar para si a atenção dos progenitores (7 casos de 24 - 29%).

Vira e mexe, ela quer brincar: 'Aí, mãe, sou teu bebê' (M1).

Uma vez, ela me falou: 'Ah, quando a B. [segunda filha] nascer, tu vai ter dois nenês'. 'É, porque eu sou o teu nenê grande e a B. vai ser o teu nenê pequeno' (M4).

'Ah, podia dormir um dia no berço eu [primogênito], e o bebê dormir na cama. E outro dia a gente troca' (M13).

Buscaram, também, assegurar-se de que haveriam recebido, no passado, a mesma atenção dispensada ao irmão neste momento:

Daí ela pergunta dela também, se ela também mamou, se a minha barriga também cresceu (M6).

Ela quis ver a [ecografia] dela. Aí ela assistiu as dela e gostou (M17).

Algumas crianças ainda demonstraram comportamentos imitativos de bebês, que já haviam superado:

Práticas maternas para com o primogênito

Entre as mães, destacaram-se duas práticas realizadas a fim de amenizar ou evitar a rivalidade fraterna percebida na gestação: ensinar o primogênito a dividir e buscar preservá-lo de sentimentos de ciúmes. Algumas mães (7 de 24 casos - 29%) buscaram antecipadamente educar os primogênitos acerca da necessidade de dividir suas posses e a atenção dos progenitores quando o irmão nascesse. No que se refere às posses, as crianças foram orientadas sobre a necessidade de dividir brinquedos, pertences e seu espaço com o irmão que estava para nascer:

Eu disse: 'Muitas vezes o papai e a mamãe vão comprar coisas só pra N. [segunda filha] e muitas vezes vamos comprar coisas só pra ti. ... Então, vários momentos vão acontecer onde as coisas vão ser só pra ti ou só pra ela, e tu não tem que chorar quando for só pra ela' (M4).

Com o tempo fui mostrando que ela tinha que dividir, que as coisas não eram só dela (M6).

As mães também buscaram preparar os primogênitos para a necessidade de dividirem a atenção dispensada por elas após o nascimento do irmão:

Falei: 'Filha, quando o mano nascer tem que ficar mais quietinha'. Aí esses dias eu tava contando (historinha) pra ela, aí eu falei pra ela: 'A mamãe leva o mano, eu deito do teu lado na tua cama, botando o carrinho ali e conto historinha pro mano também' (M2).

A maioria das mães (14 casos de 24 - 58%) buscaram lidar com a rivalidade fraterna também demonstrando desejo de preservar o primogênito do impacto da chegada do segundo filho (13 casos de 24 - 54%). As mães demonstraram preocupação com o primogênito nesse momento, buscando compreender como a criança estava se sentindo com a proximidade do nascimento do irmão:

Eu cuido, porque eu sei que tem isso do ciúmes. ... Eu fico tentando pensar o que

Depois que a minha barriga ficou maior, ele tá demonstrando ciúmes, tá começando com algumas atitudes que não parecem ser dele. E começou a falar como bebê (M16).

Ela regrediu um pouco nesse momento. Ela se jogava no chão, dizia que não conseguia levantar porque era nenê, queria botar fralda porque era nenê (M23).

Ao mesmo tempo, os primogênitos também demonstraram menosprezar as capacidades do irmão (6 casos de 24 - 25%), procurando diferenciar-se deste a fim de se destacarem como mais capazes e mais interessantes aos olhos dos progenitores. Houve uma tendência, em alguns casos, a demonstrar desinteresse e menosprezo pelo bebê:

Quando a gente chegou em casa eu mostrei pra ele [a ecografia]: 'Tá mãe, parece um sapo' (M8).

Nós fizemos hoje uma eco e ela foi junto. Até então, ela dizia: 'Eu não quero ver semente. Se é uma semente, eu não quero ver semente' (M10).

Aí ele começou a falar da história do quarto elemento: 'Eu sou o número 1, o pai é o número 2, tu é o número 3 e o fulano é o número 4'. Aí outro dia muda a numeração. Mas o mano é sempre o número 4 (M13).

Além disso, algumas crianças buscaram diferenciar-se dos bebês, como mais capazes por serem os filhos mais velhos:

Ele agora tá se sentindo o máximo porque ele é o mais velho. Ele é esperto. Ele diz: 'Mãe, eu sou muito inteligente' (M8).

Ela conversa, conta segredo: 'Maninha, quando tu crescer, eu vou ter que mexer nos meus brinquedos. Ah, tu não vai poder mexer nos meus bichinhos, que tu vai ser muito pequena, tu não vai saber. Mas eu vou te ensinar' (M11).

Ele passou por uma fase que ele pulava, botava uma perna lá em cima, se atirava no chão: 'Oh, mãe, isso bebê não sabe fazer'. ... Então, ele protesta onde o bebê coitado é uma besta, não sabe fazer nada (M20).

que vai passar na cabecinha dela, coitadinha (M2).

O que eu tenho medo é que ela sinta aquela parte de todo mundo querer só o nenê e ela não. E ela ficar meio de lado (M6).

Eu queria saber mesmo como é que ela tá, ela tá vivendo uma certa insegurança. Ai quero mais é que o B. [segundo filho] chegue logo, para ela ver que não é um bicho de sete cabeças, para ela poder curtir ele também (M14).

A fim de minimizar a rivalidade esperada, as mães relataram que buscaram manter a atenção dispensada ao primogênito ao mesmo tempo em que investiam no segundo filho. Nesse sentido, buscavam incluir a criança como importante, sentindo-se amada e valorizada pelos que a cercam:

Tento explicar, que tem que dar atenção porque o bebê é novinho, não sabe fazer um monte de coisa, mas, independente disso, vou amar ela mais ainda do que já amo. Que o lugar dela tá garantido (M1).

Eu cuido muito quando chega alguém aqui em casa: 'Ah, vamos ver o quarto do mano'. 'Ah, vamos ver o quarto da P. [primogênita]' (M2).

Eu coloco ela no centro das atenções e ela é muito importante. A gente fala que a gente precisa dela. Então, ela tá vendo que o bebê não vai atrapalhar ela em nada (M14).

Uma mãe demonstrou o desejo de que a criança não associasse as privações no acesso à mãe à chegada irmã, de modo a não favorecer sentimentos de ciúmes:

As outras pessoas falam, sem querer: 'A mãe não pode porque a mãe tem nenê na barriga'. ... Eu procuro até falar pras pessoas procurar tirar um pouco disso: 'A mãe não pode te pegar no colo porque a mãe tá muito cansada, tu tá muito pesada, tu já é uma mocinha' (M24).

Quando compravam roupas ou presentes para o bebê, as mães demonstraram procurar também dar algo para o primogênito:

Ao mesmo tempo que eu comprei [roupinhas pro nenê], eu já pensei nela e já comprei uma camisolinha pra ela. A minha intenção foi comprar pra ele, mas eu comprei pra ela porque eu sabia que tinha que comprar pra ela também (M2).

Eu tenho bordado algumas coisas pro bebê, e tenho intercalado e bordado pra ele também. Pra não ficar só o o bebê que ganha presente. ... Até outro dia eu trouxe um presente e não mostrei na embalagem do presente (M13).

Tudo que eu tô comprando pra M. [segunda filha] eu compro pra ela também. Até a M. ganhou umas caixinhas, e ela disse: 'Ah, a M. tem coisas mais bonitas que a minha'. Daí eu fui lá na loja onde a dinda dela comprou e comprei uma igual (M14).

Ou minimizar o ciúme mostrando para a criança que algumas das coisas que o novo irmão iria usar haviam sido suas, enquanto ele ganharia coisas novas:

Daí as roupas, eu digo: 'Filha, a maioria das coisas que ela tem, eram todas tua'. Daí levo ela pra escolher. Tudo pro bebê ela tá junto, ela que escolhe (M14).

Eu fico mostrando que o B. [segundo filho] na verdade não tem um berço novo, ele pegou o berço que era dela, pegou um monte de coisa que era dela. Um carrinho, ele não tem um novo, ela ganhou um novo. Então, daí ela fica tranqüila (M15).

Discussão

Percebe-se que a gestação materna não passa despercebida pelo primogênito, que demonstra, já durante este período, sentir as alterações no relacionamento usufruído com os progenitores e no seu contexto familiar como um todo. Kowaleski-Jones e Dunifon (2004) haviam referido que o nascimento de um irmão exerce um impacto direto na vida do primogênito, pois ocorrem grandes mudanças no seu ambiente social. Pode-se ampliar essa afirmativa para o período anterior ao nasci-

mento do irmão. Ao mesmo tempo em que o segundo filho é bem vindo e celebrado, altera uma dinâmica familiar relativamente estável envolvendo a tríade pai-mãe-primogênito já durante a gestação (Piccinini, Pereira, Marin, Lopes, & Tudge, 2007).

Os dados do presente estudo apontaram que a rivalidade fraterna esteve presente no contexto da gestação do primeiro irmão percebida pelas mães através das falas e comportamentos dos primogênitos. Dentre as manifestações de rivalidade, as mães destacaram: ataques dirigidos ao irmão ou à barriga da mãe, medo de perder o amor/atenção dos progenitores e medo de ter seu espaço pessoal invadido pelo irmão (brinquedos/posses). Tais achados corroboram a ideia de que o ciúme entre irmãos com relação aos progenitores constitui-se como o mais poderoso da infância (Parrot, 1991). Na perspectiva da criança enciumada a relevância do ciúme justifica-se, uma vez que há um relacionamento recíproco entre o valor de um recurso satisfatório (no caso o relacionamento usufruído com os progenitores) e o grau de preocupação sobre sua possível perda ou redução (White & Mullen, 1989).

Os resultados do presente estudo estão de acordo com a literatura que indicou que alterações no comportamento do primogênito puderam ser percebidas pela mãe desde a época em que este foi informado sobre o nascimento do irmão (Dessen & Mettel, 1984), desencadeando manifestações de dependência, resistência à separação da mãe e demonstrações de agressividade (Gottlieb & Baillies, 1995). Um quadro similar foi referido por Pereira e Piccinini (2011) no qual, através de entrevistas com oito mulheres grávidas do segundo filho, todos os primogênitos (pré-escolares) apresentaram atitudes indicativas de rivalidade fraterna, incluindo medo de perder a atenção e o carinho da mãe, assim como sinais de agressividade dirigidos à barriga da gestante.

Decorre daí a importância de os primogênitos poderem expressar seus sentimentos de rivalidade fraterna, a fim de elaborá-los e, assim, conseguir lidar com o momento de readaptação e reorganização da família. Destaca-se que uma reação inicial de raiva e antagonismo para com o irmão não necessariamente prevê um relaciona-

mento fraterno pobre. Por outro lado, uma reação de retraimento ou apatia estaria mais ligada a problemas no relacionamento fraterno (Dunn & Kendrick, 1982). No que tange à expressão de sentimentos tidos como negativos, Kramer (1996) apontou que as crianças que demonstraram preocupações negativas com seus irmãos na brincadeira fantasiosa com um melhor amigo antes do nascimento do irmão, não se comportaram de modo agressivo para com estes 6 e 14 meses após seu nascimento. Isso demonstra que o jogo simbólico pode apresentar-se como uma estratégia interessante para as crianças expressarem sentimentos negativos.

No que tange às estratégias para lidar com a rivalidade, os primogênitos, ora identificaram-se com o irmão/bebê, ora diferenciaram-se deste, menosprezando suas capacidades. Tais comportamentos podem ser compreendidos como uma forma de buscar reaver a atenção dos progenitores que, já durante a gestação, passa a ser dividida com o irmão que irá nascer. Esses resultados apoiam os achados de um estudo brasileiro referente ao período gestacional (Oliveira & Lopes, 2008). Ao investigarem cinco primogênitos em idade pré-escolar e suas respectivas mães no terceiro trimestre gestacional, as autoras identificaram que o período gestacional foi caracterizado por ambivalência do primogênito, visto que, embora tenha havido maior dependência, alguns também apresentaram comportamentos de independência como forma de se adaptarem ao novo papel.

Esses dados também coincidem com o que a literatura apresenta com relação ao período posterior ao nascimento do segundo filho. Segundo Kreppner et al. (1982), na primeira fase de adaptação à chegada do segundo filho, o primogênito pode, em alguns momentos, ocupar uma posição superior à do irmão, e, em outros, colocar-se no papel de bebê. Enquanto o desejo de identificar-se com o bebê estaria relacionado ao desejo de reaver o amor parental dirigido ao irmão buscando se parecer com este, a busca por diferenciação em relação ao irmão também seria uma forma de lidar com a rivalidade fraterna. Segundo McHale et al. (2006), os irmãos podem ativamente se diferenciar um do

outro, através de meios conscientes e inconscientes em um esforço para reduzir a competição e a rivalidade e estabelecer um lugar único para si na família.

Diante dessas manifestações de rivalidade percebidas pelas mães, estas passaram a alterar sua forma de intervenção e conduta para com os filhos, a fim de melhor manejarem a situação. Nesse contexto, as mães tenderam a lidar de dois modos principais com o filho: educar para que o primogênito aprendesse a dividir suas posses com o novo membro da família ou preservar a criança do impacto do nascimento do segundo filho.

A esse respeito, já na década de 1980, Walz e Rich (1983) haviam apontado que a relação mãe-primogênito tornara-se fonte de grandes preocupações para as mães no contexto do nascimento do segundo filho. Em acréscimo, o primeiro filho lhes parecia vulnerável e necessitado de cuidados especiais para adaptar-se a esse período. Com isso, a aceitação do irmão por parte do primogênito, também destacada por Richardson (1983), foi a tarefa chave apontada pelas mães para a incorporação bem sucedida do novo membro à vida da família. Mais recentemente, em um estudo brasileiro que investigou mulheres durante a gestação do segundo filho (Vivian, Lopes, Geara, & Piccinini, 2013), estas também relataram preocupação em dividir sua atenção com o primogênito e em como este reagiria com a perda da exclusividade desfrutada até então. Com isso, este estudo se apoia na literatura que apontou a rivalidade fraterna como uma preocupação central para os progenitores no que diz respeito à criação de filhos (Calladine, 1983; McHale et al., 2006).

Tais estratégias podem ser pensadas também como uma antecipação das tarefas parentais posteriores ao nascimento do segundo filho. A esse respeito, Kreppner et al. (1982) destacaram que logo após o nascimento do segundo filho, os progenitores apresentaram duas formas básicas de lidar com o primogênito: intervindo e restringindo fortemente ou fornecendo mais atenção. No caso do manejo da rivalidade e do ciúme, Volling et al. (2010) apontaram que como o ciúme pode refletir

uma resposta normativa à ameaça ao relacionamento de amor entre a criança e seu progenitor, ser punido por sua expressão pode gerar reações emocionais mais intensas conforme a criança busca resgatar o amor perdido. Por outro lado, encorajar a expressão de ciúme pode recompensar a criança e resultar em objeções mais frequentes; autorizá-la a enfrentar seu ciúme com a ajuda dos progenitores, pode levar à percepção de que a atenção materna para o irmão menor não significa menos amor.

A partir do exposto, percebe-se que a rivalidade fraterna se faz presente na realidade das famílias que esperam a chegada de um segundo filho, e isso ocorre desde o período gestacional. Contudo, destaca-se que essa é uma temática ainda relativamente pouco explorada no meio científico, em especial no contexto brasileiro. Assim, novas investigações são necessárias nesse campo a fim de auxiliar os progenitores nesse momento de transição familiar. Destaca-se ainda a necessidade das instituições de saúde e de educação estarem preparadas para apoiar e orientar as famílias nesse processo.

Como limitações do presente estudo, aponta-se o enfoque restrito à perspectiva materna. Considerando-se a relevância de incluir o enfoque paterno ao se investigar as relações familiares, sugere-se que novos estudos abarquem em seus participantes os pais das crianças, uma vez que estes podem apresentar pontos de vista assim como práticas de manejo com o primogênito diversos aos das mães. Ressalta-se ainda que todas as participantes pertenciam a configurações familiares intactas e a maioria possuía escolaridade superior ou pós-graduação. Sabe-se que essa realidade corresponde ao contexto familiar de apenas uma parcela da população de nosso país. Desta forma, destaca-se a necessidade de que novos estudos possam contemplar de maneira mais extensiva a diversidade socioeconômica e diferentes contextos relacionais das famílias brasileiras.

Referências

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

- Boer, F. (1990). Sibling relationships in context family. In F. Boer. *Sibling relationships in middle childhood*. Leiden: SDWO Press.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: a natureza do vínculo. Apego e perda* (Vol.1, 3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1969).
- Calladine, C. (1983). Sibling rivalry: A parent education perspective. *Child Welfare Journal*, 62(5), 421-427.
- Dessen, M. (1997). Desenvolvimento familiar: transição de um sistema triádico para poliádico. *Temas em Psicologia*, 5(3), 51-61.
- Dessen, M., & Mettel, T. (1984). Interação pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família: um estudo de caso. *Psicologia*, 10(2), 27-39.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1982). *Siblings: Love, envy and understanding*. Cambridge: Harvard University Press.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1986). *Hermanos y hermanas: amor, envidia y comprensión*. Madrid: Alianza Editorial.
- Field, T., & Reite, M. (1984). Children's responses to separation from mother during the birth of another child. *Child Development*, 55(4), 1308-1316.
- Gottlieb, L., & Baillies, J. (1995). Firstborns' behaviors during a mother's second pregnancy. *Nursing Research*, 44(6), 356-362.
- Hill, R., & Davis, P. (2000). "Platonic jealousy": A conceptualization and review of the literature on non-romantic pathological jealousy. *British Journal of Medical Psychology*, 73(4), 505-517.
- Kowaleski-Jones, L., & Dunifon, R. (2004). Children's home environment: Understanding the role of family structure changes. *Journal of Family Issues*, 25(1), 3-28.
- Kramer, L. (1996). What's real in children's fantasy play: Fantasy play across the transition to becoming a sibling. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 37(3), 329-337.
- Kreppler, K., Paulsen, S., & Schuetze, Y. (1982). Infant and family development: From triads to tetrads. *Human Development*, 25(6), 373-391.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Legg, C., Sherick, I., & Wadland, W. (1974). Reaction of preschool children to the birth of a sibling. *Child Psychiatry and Human Development*, 5(1), 3-39.
- McHale, S., Kim, J., & Whiteman, S. (2006). Sibling relationships in childhood and adolescence. In P. Noller & J. Feeney. *Close relationships: Functions, forms and processes* (pp.127-149). Hove England: Psychology Press.
- Oliveira, D., & Lopes, R. (2008). "Mãe, quero ficar contigo...": comportamentos de dependência do primogênito no contexto de gestação de um irmão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 212-220.
- Oliveira, D., & Lopes, R. (2010). Implicações emocionais da chegada de um irmão para o primogênito: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 97-106.
- Parrot, W. (1991). The emotional experiences of envy and jealousy. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp.3-30). London: The Guilford Press.
- Pereira, C., & Lopes, R. C. (2013). Rivalidade fraterna: uma proposta de definição conceitual. *Estudos de Psicologia* (Natal), 18(2), 277-283.
- Pereira, C., & Piccinini, C. A. (2011). Gestação do segundo filho: percepções maternas sobre a reação do primogênito. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 28(1), 65-77. <http://dx.doi.org/10.159/S0103-166X201100010007>
- Piccinini, C., Lopes, R., Rossato, C., & Oliveira, D. (2005). *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito* (Projeto não-publicado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Piccinini, C., Pereira, C., Marin, A., Lopes, R., & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 253-262.
- Richardson, P. (1983). Women's perceptions of changes in relationships shared with children during pregnancy. *Maternal-Child Nursing Journal*, 12(2), 75-88.
- Stewart, R., Mobley, L., Van-Tuyl, S., & Salvador, M. (1987). The firstborn's adjustment to the birth of a sibling: A longitudinal assessment. *Child Development*, 58(2), 341-355.
- Teti, D. M., Sakin, J. W., Kucera, E., Corns, K. M., & Eiden, R. D. (1996). And baby makes four: Predictors of attachment security among preschool-age firstborns during the transition to siblinghood. *Child Development*, 67(2), 579-596.
- Vivian, A., Lopes, R., Geara, G., & Piccinini, C. (2013). "Eu fico comparando": expectativas maternas quanto ao segundo filho na gestação. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 30(1), 75-87. <http://dx.doi.org/10.159/S0103-166X2013000100009>
- Volling, B., Kennedy, D., & Jackey, L. (2010). The development of sibling jealousy. In S. Hart & M. Legerstee (Eds.), *Handbook of jealousy: Theory, research, and multidisciplinary approaches* (pp.387-417). Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell.
- Walz, B., & Rich, O. (1983). Maternal tasks of taking-on a second child in the postpartum period. *Maternal-Child Nursing Journal*, 12(3), 185-216.
- White, G. L., & Mullen, P. E. (1989). A model of romantic jealousy. In G. White & P. Mullen. *Jealousy: Theory, research, and clinical strategies* (pp.9-57). New York: Guilford Press.

Recebido: dezembro 11, 2013
 Versão final: março 17, 2014
 Aprovado: abril 11, 2014